

cadernos
de estudos
leirrienses

14

LEIRIA
DEZEMBRO DE 2017





Título: CADERNOS DE ESTUDOS LEIRIENSES – 14

Editor: Carlos Fernandes

Coordenador Científico: Saul António Gomes
(Professor Associado com Agregação do Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

Conselho Consultivo: Isabel Xavier, J. Pedro Tavares, Luciano Coelho Cristino, Mário Rui Simões Rodrigues, Miguel Portela, Pedro Redol e Ricardo Charters d’Azevedo

Concepção e arranjo da capa: Gonçalo Fernandes

Colecção: CADERNOS – 14

©Textiverso

Rua António Augusto da Costa, 4
Leiria Gare
2415-398 LEIRIA - PORTUGAL
E-mail: textiverso@sapo.pt
Site: www.textiverso.com

Revisão e coordenação editorial: Textiverso
Montagem e concepção gráfica: Textiverso
Impressão: Artipol

1.ª edição: Dezembro 2017

Edição 1193/17
Depósito Legal: 384489/14
ISSN 2183-4350

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Índice

– Apresentação	7
– Francisco Rodrigues Lobo e a prosa das suas traduções, inéditas, na 3. ^a parte das “Cartas dos Grandes do Mundo”	9
<i>Selma Pousão-Smith</i>	
– A carta de descobertas de Manuel Ferreira	35
<i>João B. Serra</i>	
– As termas de Monte Real e a divindade romana aí venerada	51
<i>José d’Encarnação</i>	
– Castelo de Leiria, núcleo A: da análise arqueológica à história da arquitetura ..	65
<i>António Ginja</i>	
– Reencontrado o poema de António da Costa Santos que faltava na partitura da “Marcha Lusitana”, de Inácio Aires de Azevedo	81
<i>Joaquim Vicente Narciso</i>	
– As videntes de Fátima por terras de Leiria	107
<i>Carlos Fernandes</i>	
– As Medalhas da Cidade de Leiria, a Medalha da Câmara Municipal de Leiria e o Galardão do Município de Leiria	129
<i>Alda Sales Machado Gonçalves</i>	
– Fernando Amaro: fundo documental doado de grande riqueza histórica e científica sobre o Oriente na Biblioteca Municipal de Leiria	145
<i>Victor Santos</i>	
– Famílias de Ulmeiro: 1825-1906	153
<i>Vasco Jorge Rosa da Silva</i>	
– O percurso artístico do mestre entalhador Luís Correia: de Serra d’El-Rei a Mafra. Novos elementos para a sua biografia	167
<i>Miguel Portela</i>	
– A família TRICOT: refugiados franceses da Segunda Guerra Mundial em trânsito pela Figueira da Foz, por Leiria e pelas Caldas da Rainha	185
<i>Carolina Henriques Pereira</i>	
– O claustro	199
<i>Rui Rasquilho</i>	
– O Mosteiro de Alcobaça, esse ‘Corpo Vivo’ – parte I	211
<i>J. Pedro Duarte Tavares</i>	

– Um retrato da paisagem florestal de Alcobaça em 1834. O Relatório do Corregedor sobre o estado das matas do extinto mosteiro	237
<i>António Valério Maduro</i>	
– Vida, costumes, e outra senhora, passando por Alcobaça	243
<i>Fleming de Oliveira</i>	
– Memórias da 2.ª Guerra Mundial em Alcobaça	257
<i>José Eduardo Reis de Oliveira</i>	
– O dia-a-dia nas oficinas de sapateiros da Benedita	269
<i>João Luís Pereira Maurício</i>	
– A arte cerâmica de Romeu Augusto, de Porto de Mós, entre as décadas de 60 e 80 do século XX	281
<i>Fernanda Maria Reis de Sousa</i>	
– A Quinta da Mota no termo de Ourém	301
<i>Saul António Gomes</i>	
– A atividade bancária na Marinha Grande (1898-1966)	333
<i>Luís Manuel de Oliveira Neto</i>	
– Dois equívocos da história de Ansião: <i>Título do Mordomado e Foral Novíssimo</i> .	339
<i>Mário Rui Simões Rodrigues</i>	
– Pousaflores e a 1.ª Guerra Mundial. 22 Combatentes do CEP eram naturais da freguesia de Pousaflores	345
<i>Manuel Augusto Dias</i>	
– As Reais Ferrarias da Machuca, Foz de Alge e Prado e os mestres franceses no concelho de Figueiró dos Vinhos – parte II	363
<i>Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes</i>	
– Domingos Luís Coelho da Silva	381
<i>Aires B. Henriques</i>	
A Imagem: Mosaico com capas de livros de Manuel Ferreira (1917-2017)	387
Obituário: In memoriam Mário Soares	388
Museus do Distrito de Leiria: m j mo – museu da imagem em movimento (Leiria) .	405
Transcrição:	
– Fogo no Pinhal de Leiria em 1851	410
– Nova máquina para amassar e gramar linho	411
Notícias	413
Livros sobre a região	426
Índice de artigos em revista(s)	431

CASTELO DE LEIRIA, NÚCLEO A: Da análise arqueológica à história da arquitetura

*António Ginja**

Introdução

Tal como num livro antigo, degradado pela passagem do tempo, também a narrativa da construção de um edifício histórico se torna muitas vezes difícil de ler. Sabemos, pela dimensão da obra, que a sua história será longa, mas somos afastados da sua perceção pelo desaparecimento de certas páginas. Consciente das dificuldades que decorrem da longa narrativa construtiva do Castelo de Leiria, parti, com o inestimável apoio da Oficina de Arqueologia da Divisão de Museus e Património do Município de Leiria, para a análise arqueológica das estruturas militares do seu designado núcleo A. Os resultados foram reunidos em dissertação de mestrado¹, e apresentam-se, posto que necessariamente resumidos, no presente artigo.

Tendo por base o levantamento fotogramétrico retificado de muralhas, torres e portas, o estudo centrou-se na análise arqueológica da arquitetura das estruturas militares deste núcleo, conjugando dados documentais, leitura estratigráfica do edificado e paralelos arquitetónicos. O apuramento da sequência construtiva de cada estrutura analisada e da definição artística das suas características permitiu alcançar propostas cronotipológicas, em alguns casos, inéditas.

* Arqueólogo, mestre em História da Arte. Doutorando da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e do Centro de Estudos Sociais. Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/132487/2017), apoiada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

¹ António Luís Domingues GINJA: *Castelo de Leiria, Estruturas Militares do Núcleo A - Análise Arquitetónica e Arqueológica*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017 (<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/36748>).

1 Alvo de várias e profícuas investigações, que, embora divergentes nos
 2 métodos, se aproximaram no ímpeto de revelar os seus segredos, o Castelo
 3 de Leiria conta já com uma extensa e dedicada historiografia. Às diversas
 4 narrativas, apuradas ao longo de mais de um século de pesquisas, o presente
 5 artigo pretende revelar novos argumentos, e com eles uma nova luz sobre
 6 as velhas muralhas do Castelo de Leiria.

7

8

9

10

11

12

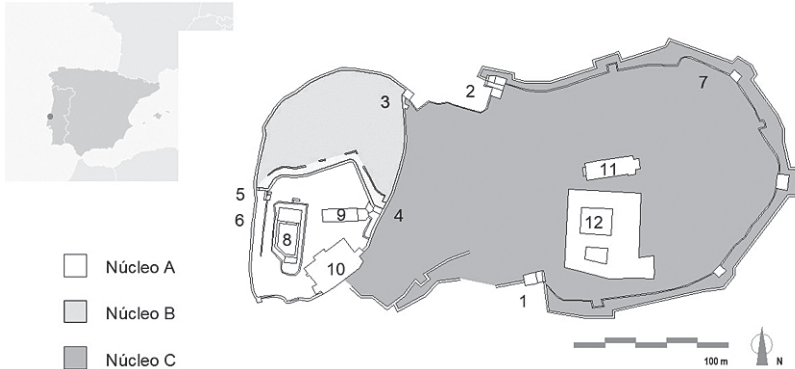
13

14

15

16

17



18

Figura 1 – Planta do Castelo de Leiria e principais estruturas e edifícios.

19

Fonte: Câmara Municipal de Leiria.

20

LEGENDA

21

1 – Arco da Torre Sineira da Sé

7 – Cerca da Vila

Núcleo C

22

2 – Portas de Pêro Alvito

8 – Torre de Menagem e Último Reduto

Núcleo B

23

3 – Porta de Albacara

9 – Igreja de Santa Maria da Pena

Núcleo A

24

4 – Porta e Torre Buçaqueira

10 – Paços Novos

25

5 – Porta Nova

11 – Igreja de São Pedro

26

6 – Porta da Traição

12 – Paços Episcopais (Antigos)

27

A Buçaqueira: da porta à torre

28

29 Inicialmente concebida como porta, a Torre Buçaqueira foi, séculos mais
 30 tarde, adaptada a torre sineira da Igreja de Santa Maria da Pena². A
 31 sobreposição do bloco superior, que dotou a torre dos vãos ogivais que a
 32 caracterizam, ao bloco inferior, composto pela base onde se abre a porta de
 33 volta completa, ficou assinalada por um *interface*³ [11], indubitável testemu-
 34 nho dessa adaptação.

34

² A fundação militar da Torre Buçaqueira, seguida de adaptação a sineira, conta com o apoio de José Saraiva e de Jorge Larcher (SARAIVA, 1929: 39; LARCHER, 1933: 54).

36

³ Por *interface* entenda-se qualquer manifestação estrutural que resulte de ações construtivas ou destrutivas (ex: linha de encosto entre duas paredes).

37

Ainda sem torreões laterais⁴, a Porta Buçaqueira configura, no seu bloco inferior, uma estrutura essencialmente 'românica'. A sua datação, mesmo que relativa, suscita porém algumas dúvidas. De facto, dotada de abóbada escalonada, esta porta encontra paralelo, por exemplo, na porta *Legal* do Castelo do Alandroal, já de finais do século XIII⁵. A sua primeira referência documental, de 1282, e uma sigla de canteiro com paralelos na Igreja de São Pedro, recuável a 1156 (GOMES, 2004: 98 e 99), não obstante, constituem ainda os contributos mais relevantes para a datação do bloco inferior desta torre.

Certos vãos da Igreja de Santa Maria da Pena e dos Paços Novos assemelham-se, por seu turno, aos vãos do bloco superior da Torre Buçaqueira, corroborando a proximidade cronológica entre as campanhas construtivas destes três conjuntos⁶. De arestas chanfradas e ombreiras de base em 'unha', estes vãos afastam-se, no entanto, dos vãos do paço de Monte Real, de arestas vivas e ombreiras isentas de ornatos, saindo assim defraudadas quaisquer tentativas de aproximação do bloco superior da Torre Buçaqueira ao gótico dionisino da fortaleza leiriense.

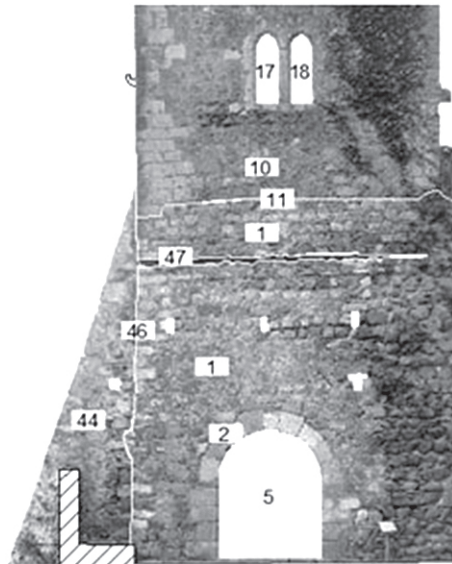


Figura 2 – Torre Buçaqueira.
(leitura estratigráfica parcial: secção inferior).

⁴ Mário Jorge Barroca remete os torreões laterais às portas para período posterior 'gótico' (BARROCA, 2003: 110 a 111).

⁵ A porta *Legal* do Castelo do Alandroal encontra-se datada por inscrição de 1294 (BARROCA, 2000: 109 a 113). Comparando a porta *Legal* com a porta do minarete da antiga mesquita de Sevilha, Fernando Branco Correia, por seu turno, filia este tipo de coberturas numa arquitetura de tradição islâmica (CORREIA, 2013: 114).

⁶ A Igreja de Santa Maria da Pena e os Paços Novos encontram-se hoje consensualmente atribuídos a D. João I, quer por comparação estilística com o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, Batalha (DIAS, 1986: 103; SILVA, 2002: 120; COSTA, 1997: 163 e 191; GOMES, 2004: 15, 125 e 130), quer pela filiação das suas características na arquitetura religiosa e doméstica medieval da época (BARROCA, 2002: 94 a 96).

1 **A Porta da Traição: uma porta, duas reformas?**

2
3 Elemento comum nas fortificações ‘românicas’⁷, a Porta da Traição do
4 Castelo de Leiria abre-se, pequena e discreta, em local de acesso muito difi-
5 cultado. A sua moldura, em cantaria calcária, revela no entanto grande des-
6 gaste na soleira e na base das ombreiras, ao passo que as aduelas do arco
7 exibem um desgaste pouco expressivo. Ainda que nem sempre seja claro o
8 respetivo *interface* [430], a soleira e a base das ombreiras [435] travam com
9 uma muralha mais antiga [401], da qual serão, portanto, coetâneas. A esta
10 sobrepõe-se uma muralha [429] mais recente, de alvenaria distinta, travada
11 nas aduelas do arco [455]. Cerca de 1929, José Saraiva dava precisamente
12 conta da soleira e das bases de ombreiras da Porta da Traição neste local⁸.
13 Também a análise da planta de Leiria de 1816⁹ revela um vão neste mesmo
14 local, comprovando a existência de uma porta anterior ao seu restauro, de-
15 corrido no início do século XX.

16 Composta por ombreiras de arestas chanfradas e bases em ‘unha’, o
17 tramo inferior desta porta, deverá remontar ao período da construção dos
18 Paços Novos e da Igreja de Santa Maria da Pena, recuando portanto a perí-
19 odo próximo ao do projeto de residencialização empreendido por D. João I na
20 fortaleza leiriense. Mas se os vestígios mais antigos deste vão recuam ao
21 reinado joanino, poderá o núcleo A, de origem ‘românica’, ter estado até en-
22 tão sem uma porta da traição? Uma sondagem arqueológica aberta junto
23 desta porta, sugere o contrário, já que revelou uma área de circulação neste
24 local, anterior à construção do vão joanino¹⁰. Assim, se os restauros conduzi-
25 dos em meados do século XX vieram reformar as estruturas joaninas rema-
26 nescentes, perspetiva-se a possibilidade de a porta joanina configurar tam-
27

28
29 ⁷ As portas da traição, pequenas e dissimuladas, destinam-se tanto à investida inesperada sobre o
30 inimigo, como à fuga do contingente do castelo, em caso de assalto (NUNES, 2005: 198). Para
31 outras informações Cfr. BARROCA, 2003; NUNES, 2005.

32 ⁸ José Saraiva descreve como «a porta da traição do *castello* de Leiria, da qual apenas existia a
33 soleira e os fundos das *hombreiras*», teria sido restaurada em arco de ogiva, sem que fosse possível
34 saber «se tal havia sido a sua forma anterior» (SARAIVA; 1929: 46, 47). Também Saul António
35 Gomes subscreve o ascendente do restauro sobre este vão, que considera, no entanto, isento de
36 «qualquer lavor que indicie a sua real antiguidade» (GOMES, 2004: 109).

37 ⁹ Na planta de Leiria de 1816, a Porta da Traição surge identificada com a expressão «*Sahida* p.^a a
Campanha».

¹⁰ Cfr. CARVALHO e INÁCIO, 2011.

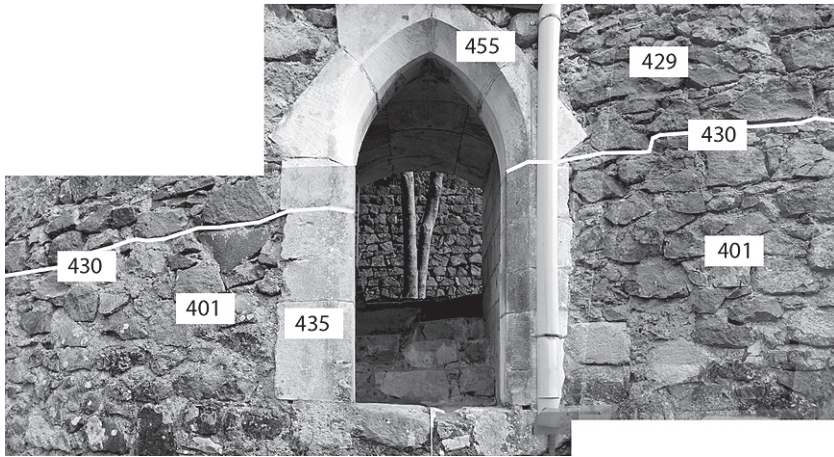


Figura 3 – Porta da Traição. (leitura estratigráfica parcial: alçado externo).

bém ela a reforma de uma passagem anterior, tanto mais que dificilmente se pode imaginar um castelo 'românico' sem uma porta da traição.

A escarpa da muralha norte

Junto da Porta Nova, a muralha norte do núcleo A abandona o seu trajecto retilíneo e apumado, passando a assumir bases em taludes inclinados e uma trajetória marcada por ângulos pouco pronunciados. As suas características (3,5 metros de espessura na base e os 4,80 metros de altura), que poderiam aproximar o talude à tipologia de um alambor, são na realidade compatíveis com uma escarpa, estrutura arquitetónica que encontra reflexos na tratadística concernente desde finais do século XVI¹¹.



Figura 4 – Planta do núcleo A, à esquerda, com destaque para o setor de muralha norte junto da Porta Nova, ao centro. Talude, à direita (leitura estratigráfica parcial e cálculo de inclinação).

¹¹ Sobre a tratadística respeitante à arquitetura militar e respetiva repercussão na Península Ibérica, ao longo dos séculos XV e XVI, *Cfr.*, entre outros possíveis, VERA BOTÍ, 2001.

1 Salvaguardadas as diferenças entre os distintos tratadistas, a escarpa
2 da muralha norte, com 70% de inclinação, posiciona-se precisamente entre
3 os valores propostos, por exemplo, por Filarete (59° a 63°) e Giorgio Martini
4 (76° a 79°)¹². À inclinação da escarpa acresce o traçado angular definido pela
5 muralha no seu setor poente, que define um «perímetro côncavo quebrado»,
6 com «ângulos obtusos, nunca retos ou agudos», conforme recomendado,
7 respetivamente, por Giorgio Martini e por Niccolò Tartaglia (VERA BOTI, 2001:
8 201 a 529).

9 Embora possamos enquadrar cronologicamente esta escarpa no período
10 de adaptação à pirobalística, que João Gouveia Monteiro, por exemplo, posiciona
11 entre finais do século XV e inícios do século XVI (MONTEIRO, 1999: 36 a 47),
12 dificilmente esta estrutura, de reduzida abrangência, poderá ter constituído uma
13 efetiva adaptação do castelo leiriense aos tiros pirobalísticos. Esta reforma, posto
14 que orientada por cânones arquitetónicos próprios da sua época, poderá por
15 isso resultar de circunstâncias bem distintas, como a reforma de uma muralha
16 arruinada ou a abertura de uma passagem¹³.

17 **O Último Reduto: uma fortificação plenamente 'gótica'**

18
19
20 Erguido ao centro do núcleo A, o Último Reduto inclui a Torre de
21 Menagem, um recinto fortificado e uma cintura de muralha, reforçada no ex-
22 terior por uma estrutura em talude. De planta retangular, altura reduzida e
23 escassas aberturas, a Torre de Menagem possui uma aparência conserva-
24 dora, com características melhor enquadráveis nos moldes arquitetónicos ditos
25 'românicos'.

26 Embora no Último Reduto tenham sido identificados, em escavações
27 arqueológicas, vestígios estruturais de edificações preexistentes, a sua natu-
28

29 ¹² Antonio Averlino, il Filarete, recomendava no seu *Trattato di Architettura*, redigido a partir do tercei-
30 ro quartel do século XVI, que as escarpas tivessem cinco a seis braços de base e dez braços de
31 altura, ao passo que Francesco di Giorgio Martini propunha, no seu *Trattati di Architettura e Arte*
32 *Militare*, redigido entre 1490 e 1500, que para cada quatro ou cinco pés de altura, a escarpa tivesse
33 um de base (VERA BOTI, 2001: 150 a 162; 492).

34 ¹³ Ausente de um registo fotográfico de cerca de 1929 (SARAIVA, 1929: Estampa 36), a Porta Nova,
35 cuja existência não se coaduna com os pressupostos defensivos de uma muralha 'românica', deverá
36 remontar ao restauro conduzido no Castelo de Leiria pela Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos
37 Nacionais, embora se possa admitir a existência de uma passagem anterior, conforme se deduz, por
exemplo, da planta de Leiria de 1816.

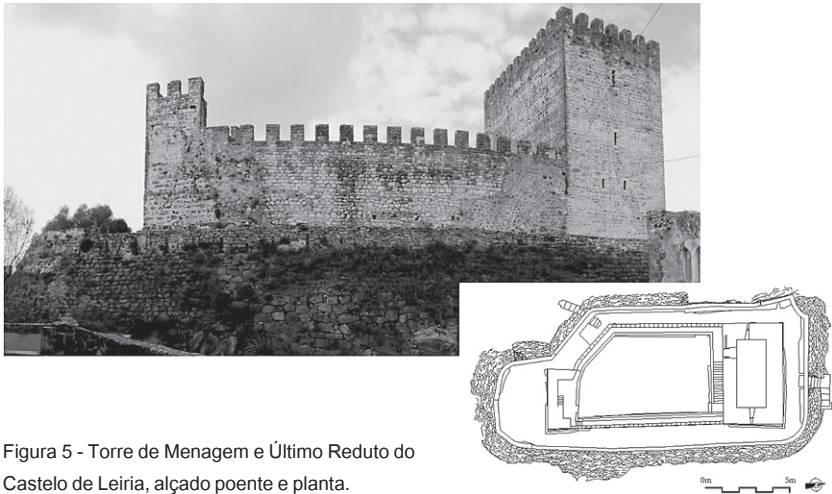


Figura 5 - Torre de Menagem e Último Reduto do Castelo de Leiria, alçado poente e planta.

reza e datação permanecem ainda por confirmar¹⁴. A Torre de Menagem, pelo contrário, encontra-se perfeitamente datada, tendo sido concluída em 1324, durante o reinado de D. Dinis¹⁵. A análise arqueológica confirma que, à exceção de grande parte das ameias, acrescentadas posteriormente, a torre resulta de um só momento construtivo, incluindo a sapata escalonada. Ainda que com maior frequência possamos encontrar sapatas escalonadas em torres 'românicas', também as podemos encontrar em torres que, erguidas já em período de plena generalização de formas 'góticas', não deixam ainda assim de recorrer a esta solução arquitetónica¹⁶.

No canto sudoeste, a Torre de Menagem exhibe, porém, uma prumada irregular, *interface* [941], particularidade que poderá dever-se à preparação da torre para ser encostada por uma estrutura diferente. Neste local, precisamente, encontram-se as escadas de acesso à torre, escadas que, por sua vez, aparentam estar travadas com a porta de acesso ao pátio do Último Reduto [940, 946]. Formalmente similares, a porta da torre e a porta do pátio

¹⁴ Cfr. CARVALHO e INÁCIO, 2011.

¹⁵ A Torre de Menagem do Castelo de Leiria encontra-se datada por inscrição epigráfica, aplicada junto da sua porta de entrada. Sobre esta inscrição Cfr., entre outros possíveis, BARROCA, 2000; GOMES, 2004.

¹⁶ Torres de menagem como as de Monforte de Rio Livre e de Estremoz, respetivamente atribuídas a D. Dinis e a seu pai D. Afonso III (GOMES, 2003: 171; BARROCA, 2002: 83), erguem-se também a partir de sapatas escalonadas.

1 deverão remontar a períodos muito próximos, senão equivalentes, sugerindo
2 proximidade cronológica entre as escadas e a própria torre. Este pressuposto,
3 que se afasta dos padrões ‘românicos’, segundo os quais as torres de
4 menagem deveriam erguer-se de forma isolada, encontra paralelo dionisino
5 em pelo menos um caso. Na Torre de Menagem de Monforte de Rio Livre,
6 erguida no reinado de D. Dinis, as escadas, inscritas na muralha, ergueram-se
7 em simultâneo com a torre.



Figura 6 – Torre de menagem de Leiria



Figura 7 – Torre de Menagem de Monforte de Rio Livre. Fonte: Direção Regional de Cultura do Norte.

21 Erguida a Torre de Menagem, seguiu-se a construção dos muros que
22 encerram o pátio do Último Reduto, incluindo o torreão sul, no extremo oposto
23 ao da torre. A nascente percebe-se que o primeiro destes muros [976] e o
24 torreão sul, mutuamente travados e, como tal, coetâneos, encostam à torre
25 [901], tendo como tal sido erguidos depois desta. Muro e torreão erguem-se
26 em alvenarias equivalentes à da Torre de Menagem, sugerindo, contudo, pro-
27 ximidade cronológica entre as três estruturas.

28 No exterior, o Último Reduto encontra-se rodeado por um alambor¹⁷, que,
29 tendo sido introduzido em Portugal a partir de 1156¹⁸, se generalizou nos
30 castelos portugueses ao longo da segunda metade do século XII. O alambor
31 leiriense, contudo, não poderá ter sido erguido antes do Último Reduto, uma
32 vez que circunscreve quase na totalidade todas as sus estruturas, erguidas,

33
34 ¹⁷ Por apresentar um perfil maioritariamente em linha quebrada, o alambor do Último Reduto do
35 Castelo de Leiria deveria na realidade designar-se por *ressalto* (NUNES, 2005: 225). Não obstante,
36 por apresentar partes de perfil côncavo ou em linha reta inclinada, opto pela denominação mais
37 abrangente, *alambor*.

¹⁸ Cfr., por exemplo, BARROCA, 2003; BARROCA, 1998 a.

como visto, a partir de 1324. Uma vez que define a sul um pequeno terraço, a construção do alambor poderá, por outro lado, não ultrapassar o terceiro quartel do século XV¹⁹. Desfasado do período de edificação próprio dos alambores em pelo menos dois séculos, a construção deste alambor deverá ser entendida como um revivalismo²⁰.

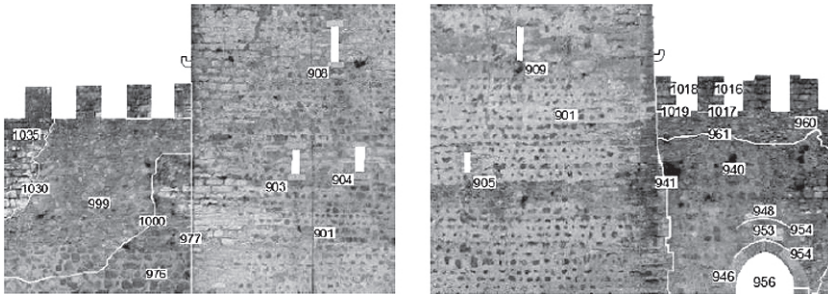


Figura 8 – Torre de Menagem e Último Reduto, detalhes do alçado nascente, à esquerda, e do alçado poente, à direita.

Apesar da sua aparência conservadora, a Torre de Menagem assume, face ao Último Reduto, uma posição de comando, em plena concordância com os princípios de defesa ativa vigentes ao tempo de D. Dinis. Faseada ao longo de aproximadamente 125 a 150 anos, a construção do Último Reduto não deixa todavia de enquadrar-se no período correspondente ao gótico militar português, compreendido entre meados do século XIII e meados do século XV²¹. Assim, todas as estruturas que compõem o Último Reduto, não só se inserem no período convencionado para o 'gótico' castelar, como também correspondem de facto aos padrões da arquitetura militar 'gótica'.

Barbacãs: vestígios e suposições

Em alguns locais onde o alambor do Último Reduto se encontra interrompido, nomeadamente a oeste e a norte, percebe-se que o mesmo encos-

¹⁹ Durante o terceiro quartel do século XV os terraços, previstos para a instalação de artilharia, desaparecem, dando lugar às casamatas (MONTEIRO 2002: 665, 666).

²⁰ O alambor conheceu, por influência da arquitetura militar italiana, um renascimento no século XV (BARROCA, 2003: 113 a 120).

²¹ João Gouveia Monteiro, por exemplo, baliza o gótico militar português entre o reinado de D. Afonso III (1248-1279) e o 3º quartel do século XV (Monteiro 2002: 659-666).

1 tou a uma construção preexistente. A oeste, a interrupção do alambor revela
2 um muro por ele encostado, enquanto a norte, abre espaço a uma porta ogival,
3 à qual se encontra também encostado. Num contexto militar, qualquer
4 edificação associada ao muro e à porta configurariam impedimentos defensi-
5 vos, excepto se, por si mesma, constituísse uma barreira ao avanço de assal-
6 tos. Perspetiva-se portanto uma estrutura defensiva anterior ao alambor, que,
7 erguida a curta distância e de forma paralela ao recinto que pretendia defen-
8 der, se deduz constituir uma barbacã. Comprovadamente adotada em Portu-
9 gal desde o segundo quartel do século XIV²², a barbacã do Último Reduto não
10 deverá ultrapassar o terceiro quartel do século XV, período máximo estima-
11 do, como visto, para a construção da estrutura que lhe foi encostada, o alambor.



Figura 9 – Alambor do Último Reduto (interrupção a oeste do conjunto).



Figura 10 – Alambor do Último Reduto (porta a norte do conjunto). 2015

26 No exterior da muralha norte do núcleo A subsistem, por sua vez, vestí-
27 gios estruturais que, embora bastante arruinados, são concordantes com uma
28 barbacã. Observáveis desde a Porta Nova à Porta Buçaqueira, apresentam
29 atualmente a aparência de um muro de sustentação de terras. Contudo, duas
30 sondagens arqueológicas confirmaram que a mesma se encontraria em tem-
31 pos erguida acima do solo²³. A estrutura constituiria, assim, uma parede erguida
32 à cota positiva que, por acompanhar paralelamente a muralha norte, deverá
33 ser entendida como uma barbacã extensa (BARROCA, 2003: 120).

²² A construção de «*huum* portado de pedra na *barvacã* asu a porta do castelo» de Torre de Moncorvo, documentada em 1337 (TRINDADE, 2013: 437), constitui a mais antiga referência a uma barbacã em território português.

²³ Cfr. CARVALHO e INÁCIO, 2011.

Apesar de generalizadas ao longo do século XIV, não será de excluir a possibilidade de esta barbacã ter sido erguida em período mais tardio, posto que continuarão a ser recomendadas pelo menos até à segunda metade do século XVI, conforme se denota, por exemplo, do *Trattato di Architectura Militare*, de Baldassarre Peruzzi, redigido entre 1527 a 1530 (VERA BOTÍ, 2001: 178).



Figura 11 – Barbacã da muralha norte (vestígios remanescentes).

Por motivos de segurança, a área exterior à Porta da Traição do Castelo de Leiria foi prospectada apenas de forma parcial, não tendo sido detetados quaisquer vestígios estruturais. Todavia, a planta de Leiria de 1816 exhibe inequivocamente um muro exterior a esta porta. Ernesto Korrodi, por seu turno, não incluiu este muro na ‘reconstrução’ da planta do Castelo de Leiria, que publicou em 1898, e nenhuma outra planta ou fonte escrita volta a fazer-lhe referência.

Na planta de 1816, o muro desenvolve-se paralelamente à muralha oeste do núcleo A, unindo junto da ombreira norte da Porta da Traição, esquema construtivo filiável na tipologia de barbacã de porta (NUNES, 2005: 62). À semelhança das barbacãs extensas, deverão ter sido difundidas em Portugal a partir de meados do século XIV e ao longo de todo o século XV (BARROCA, 1998 a: 30; MONTEIRO, 2002: 661). Ora, a ter existido, dificilmente esta barbacã poderá ter desaparecido sem que deixasse quaisquer vestígios. Trata-se, como tal, de uma estrutura cuja existência, embora plausível, permanece por confirmar.

Muralhas, torreões e cubelos

Amplamente restauradas, quer pela Liga dos Amigos do Castelo de Leiria como pela Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, as muralhas exteriores do núcleo A são hoje muito difíceis de perscrutar. A noroeste da Torre Buçaqueira, a muralha assume uma configuração ultra-semi-circular, consistente com um cubelo. Embora generalizados nas fortalezas portuguesas entre o século XIV e a primeira metade do século XV (MONTEIRO, 1999: 35), cubelos e torreões recuam todavia até ao século XII. Mutuamente travados, Torre Buçaqueira, muralha e cubelo remontarão ao mes-

mo momento construtivo, que uma sondagem arqueológica posicionou em período anterior ao século XIV²⁴. Em todo o núcleo A existe apenas este cubelo, o que, face à generalização que estes viriam a conhecer mais tarde, parece concorrer precisamente para a uma cronologia 'românica'.

Na sua extremidade oeste, a muralha sul do núcleo A define um corpo maciço, de planta aproximadamente retangular, consistente com um torreão. De balizamento cronológico demasiado amplo²⁵ e estratigraficamente isolado dos tramos de muralha antigos mais próximos, este torreão não poderá, sem o contributo de novas evidências, ser cronologicamente enquadrado. Antes dos restauros empreendidos ao longo do século XX, porém, a muralha compreendida entre o torreão e os Paços Novos encontrar-se-ia, bastante arruinada, conforme se pode constatar a partir de diversos registos fotográficos. Não obstante, Ernesto Korrodi 'reconstruiria' um torreão precisamente neste local. Talvez por influência da planta korrodiana, todas as plantas efectuadas a partir dessa data



Figura 12 - Excerto da planta de Major Nunes da Costa, de 1816. Barbacã da Porta da Traição em destaque.

Fonte: Câmara Municipal de Leiria.

²⁴ Cfr. CARVALHO e INÁCIO, 2011.

²⁵ Apesar de a generalização dos torreões ter conhecido grande incremento entre o século XIV e a primeira metade do século XV (MONTEIRO, 1999: 35), estas estruturas defensivas encontram-se patententes nos castelos portugueses desde pelo menos o século XII (BARROCA, 1998 a: 23).

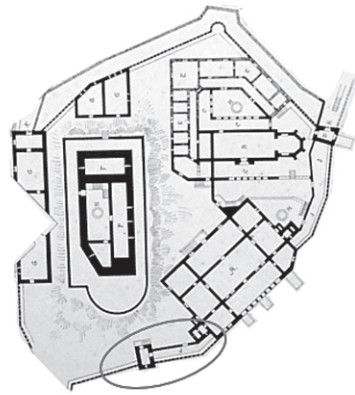


Figura 13 – Núcleo A do Castelo de Leiria. Excertos das plantas de Major Nunes da Costa, de 1816, à esquerda, e de Ernesto Korrodi, de 1898, à direita. Setor a oeste dos Paços Novos em destaque.

Fonte: Câmara Municipal de Leiria; KORRODI, 1898: Estampa V.

exibem nesse local um torreão idêntico. Só em planta de 1966 surge a área em causa isenta de qualquer estrutura. Atualmente não se detetam no local evidências estruturais concordantes com um torreão, que, a ter existido, terá, pelo menos à cota positiva, desaparecido por completo.

Considerações: elementos em contexto

Sucessivamente adaptado às novidades poliorcéticas que se sucederam ao longo dos vários séculos da sua vida útil, o núcleo A do Castelo de Leiria mantém tanto menos estruturas próprias de cada período construtivo quanto mais longínquos são os tempos em que foram erguidas. Ao período 'românico', por exemplo, só poderemos, face aos dados hoje disponíveis, indubitavelmente remeter o bloco inferior da Torre Buçaqueira, parte da muralha norte e o cubelo nela incluído.

A partir do reinado de D. Dinis, o núcleo A acolheu no seu interior uma pequena fortificação, o Último Reduto. Composto por um recinto fechado, encabeçado pela Torre de Menagem, o Último Reduto, não obstante a modestia das suas dimensões, corresponde perfeitamente aos princípios preconizados pela arquitetura militar 'gótica'.

Seguiu-se, a partir de finais do século XIV, a grande campanha de residencialização promovida por D. João I. Entre as múltiplas obras, vários denominadores comuns que, estando presentes nos Paços Novos, na Igreja de Santa

1 Maria da Pena, no bloco superior da Torre Buçaqueira e no tramo inferior, não
2 restaurado, da Porta da Traição, testemunham grande proximidade cronológica.

3 Por meados do século XV, início do século seguinte, ainda se enceta-
4 vam certas reformas no núcleo A, resultando em adaptações, com maior ou
5 menor grau de intencionalidade, às novidades poliorcéticas da época. O Últi-
6 mo Reduto, por exemplo, viu o seu perímetro exterior ser reforçado por
7 alambor, ao passo que a norte se ergueu uma muralha de base escarpada e
8 trajeto anguloso.

9 Não obstante as reformas empreendidas, o Castelo de Leiria foi paulati-
10 na mas decisivamente abandonado, em detrimento da vila 'baixa', que cres-
11 cia junto do rio Lis. Desertificado, o núcleo A percorreu então um longo pro-
12 cesso de degradação, que o Terramoto de 1755 e a exploração da ruína
13 como pedreira, documentada desde 1773 ao início do século XX²⁶ vieram
14 agravar. A deterioração estrutural, acrescida das ações de restauro, promo-
15 vidas tanto pela Liga de Amigos do Castelo de Leiria como pela Direcção-
16 Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, resultaram num conjunto edificado
17 hoje difícil de analisar. Mais de cem anos volvidos desde que Ernesto Korrodi
18 inaugurou, com os seus *Estudos de Reconstrução sobre o Castelo de Leiria*,
19 o debate científico em torno das ruínas do Castelo de Leiria, permanecem por
20 esclarecer múltiplas questões, das mais variadas índoles. Ainda que debilita-
21 das, reformadas, delapidadas, arruinadas e restauradas, as velhas muralhas
22 do baluarte leiriense conseguem ainda, afinal, defender segredos suficientes
23 para outros tantos anos de investigação.

24 Bibliografia

- 25
26
27 BARROCA, Mário Jorge – 'Arquitectura Militar', *Nova História Militar de Portugal*,
28 Vol. 1, Dir. Manuel Themudo Barata e Nuno Severino Teixeira, Círculo de
29 Leitores, Lisboa, pp. 95 – 121, 2003.
30 BARROCA, Mário Jorge – 'Arquitectura Gótica Civil', *História da Arte em Portugal*
31 – *O Gótico*, Editorial Presença, Lisboa, pp. 86 – 133, 2002.
32 BARROCA, Mário Jorge – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Vol. II, Tomo
33 1 e Tomo 2, Corpus Epigráfico Medieval Português, Fundação Calouste
34 Gulbenkian, Lisboa, 2000.

35
36
37 ²⁶ Em documento de 1773, assinala-se a degradação do Castelo de Leiria, de onde se removia «muita
pedra *pera* obras de particulares» (doc. 297 in GOMES, 2004: 390). No início do século XX, conforme
denúncias da imprensa local, ocorriam ainda demolições e dinamitações (COSTA, 1997: 203).

BARROCA, Mário Jorge – ‘Castelos Medievais Portugueses. Origens e Evolução (Séc. IX-XIV)’, <i>La Fortaleza Medieval: Realidad y Símbolo</i> , Ed. Juan António Barrio Barrio e José Vicente Cabezuelo Pliego, Alicante, pp. 13 – 30, 1998a.	1 2 3
BARROCA, Mário Jorge – ‘D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa’, <i>Actas das IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval – as relações de fronteira no século de Alcanises</i> , Tomo 1, Porto, pp. 801-822, 1998b.	4 5 6
CORREIA, Fernando Branco – ‘Prevalências do período islâmico em castelos portugueses das Ordens Militares’, <i>Castelos das Ordens Militares</i> , Atas do Encontro Internacional, Coord. Isabel Cristina Ferreira Fernandes, Direção-Geral do Património Cultural, Lisboa, pp. 99 – 117, 2013.	7 8 9
COSTA, Lucília Verdelho da – <i>Ernesto Korrodi 1889 – 1944: arquitectura, ensino e restauro do património</i> , Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1997.	10 11
DIAS, Pedro – ‘A arquitectura do ciclo batalhino’, <i>O gótico</i> , História da Arte em Portugal, Publicações Alfa, pp. 65-109, 1986.	12 13
GOMES, Rita Costa – <i>Castelos da Raia</i> , Vol. II: <i>Trás-os-Montes</i> , Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 2003.	14 15
GOMES, Saul António – <i>Introdução à História do Castelo de Leiria</i> , Câmara Municipal de Leiria, Leiria, 2004.	16 17
LARCHER, Jorge – <i>Castelos de Portugal: Distrito de Leiria</i> , Imprensa Nacional, Lisboa, 1933.	18 19
MELO, M ^a Luísa de Albuquerque – ‘A criação da Diocese de Leiria e o contexto europeu da época. As transformações sociais e religiosas da idade moderna’, <i>Leiria-Fátima Órgão Oficial da Diocese</i> , Ano III, N. 8, Leiria, pp. 319-334, 1995.	20 21
MONTEIRO, João Gouveia – ‘Reformas góticas nos castelos portugueses ao longo do século XIV e na primeira metade do século XV’, <i>Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)</i> , Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos, Câmara Municipal de Palmela, Edições Colibri, Palmela, pp. 659-666, 2002.	22 23 24 25 26
MONTEIRO, João Gouveia – <i>Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando</i> , Edições Colibri, Lisboa, 1999.	27 28
NUNES, António Pires – <i>Dicionário de Arquitectura Militar</i> , Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2005.	29 30
SILVA, José Custódio da – <i>Paços Medievais Portugueses</i> , Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 2002.	31 32
TRINDADE, Luísa – <i>Urbanismo na Composição de Portugal</i> , Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.	33 34
ZUQUETE, Afonso – <i>Leiria: Subsídios para a História da sua Diocese</i> , Gráfica Leiria, Leiria, 1943.	35 36 37

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37

Fontes Impressas

- KORRODI, Ernesto – *Estudos de Reconstrução sobre o Castelo de Leiria – Reconstituição gráfica de um notável exemplo de construção civil e militar portuguesa* (Prospecto), N. 153, Instituto Polygraphico, Zürich, 1898.
- SARAIVA, José – *Leiria: Breve estudo crítico das suas origens e notícia histórica, arqueológica e artística, das ruínas do seu Castello, da Cathedral, do Santuário da S.^a da Encarnação e da Igreja de S. Pedro*, Monumentos de Portugal, Collecção de Vulgarização Artístico-Monumental, N. 6, Litografia Nacional, Porto, 1929.

Estudos

- CARVALHO, Vânia; INÁCIO, Isabel – *Projecto de Valorização e Requalificação do Castelo de Leiria*, PNTA, Sondagens Arqueológicas de Avaliação, Relatório Final, Leiria, 2011.
- GINJA, António – *Castelo de Leiria, Estruturas Militares do Núcleo A - Análise Arquitetónica e Arqueológica*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017.
- VERA BOTÍ, Alfredo – *La arquitectura militar del Renacimiento a través de los tratadistas de los siglos XV y XVI*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade politécnica de Valência, Valência, 2001.